

MOBILIDADE E LITERATURA NA IDADE MÉDIA

Formas, trajectórias e sentidos

Actas do Colóquio

MOBILITÉ ET LITTÉRATURE AU MOYEN ÂGE

Formes, enjeux et significations

Actes du Colloque

Coordenação Editorial: Carlos F. Clamote Carreto.

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA** – 2011
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa – Portugal
www.uab.pt
e-mail: cvendas@univ-ab.pt

D. L.:

ISBN: 978-972-674-703-1

ÍNDICE

PREFÁCIO

Carlos F. Clamote Carreto

Eppur se muove... Ritmos e cadências de um imaginário em movimento 11

I PARTE

Cavaleiros, peregrinos e mercadores: espaços, figuras e funções da itinerância ***Chevaliers, pèlerins et marchants: espaces, formes et fonctions de l'itinérance***

Margarida Alpalhão

La mer, espace de mobilité dans le roman de chevalerie du Moyen Âge à la Renaissance 17

Emma Bahilo

Mobilité de l'aventure féminine: l'exemple de Berte as grans piés et de La Fille du comte de Ponthieu 27

Ana Margarida Chora

A jogralesa: mobilidade e marginalidade 37

Diana Gradu

Corporalité errante et amour d'apparat dans Érec et Énide de Chrétien de Troyes 47

Ana Sofia LARANJINHA

Le motif de la traversée maritime dans la tradition tristanienne: des poèmes à la première rédaction du Tristan en prose 59

Natália Maria Lopes Nunes

Dona Vataça e o culto das relíquias em Portugal 69

María Pilar Suárez

La quête, la fuite et la Terre Gaste 77

Lunorsola Raffalli-Grenat

Mobilité et immobilité dans le Roman d'Eledus et Serene ou la construction symbolique d'un roman méconnu 85

Aya Sakkal

Mobilité du négoce dans la littérature arabe médiévale 97

Irma Trattner

Wanderkünstler 105

Lorenza Vantaggiato

Littérature et pèlerinage 125

Panayota Volti	
<i>La parole itinérante des Frères Mendiants et son socle topographique et normatif (France septentrionale – anciens Pays-Bas méridionaux)</i>	137

II PARTE

Mobilidades interiores: perspectivas socioculturais e simbólicas *Mobilités intérieures: culture, société, symboles*

Miguel Alarcão	
<i>A «mobilidade especial» de Robin Hood: problemas, interrogações e contingências das baladas medievais inglesas</i>	145
Danielle Buschinger	
<i>La mobilité sociale au Moyen Âge en Allemagne</i>	153
Júlia Dias Ferreira	
<i>Migrações culturais na Inglaterra medieval</i>	163
Florent Gabaude	
<i>La sémantique du voyage et de l'errance chez Hans Sachs</i>	167
Carinne Giovenal	
<i>Quand se déplacer signifie se détruire: le personnage de Gauvain de Chrétien de Troyes à Raoul de Houdenc</i>	175
Elisa Gomes da Torre	
<i>«Eu assim só, tão longe de toda a gente e de mim ainda mais longe»</i>	189
Laura Lazăr Zăvăleanu	
<i>L'itinéraire symbolique de la Quête initiatique dans les Mondes d'au-delà et le Sens du Retour</i> 195	
Patrizia Mazzadi	
<i>Huge Scheppel: une approche</i>	207
Monika Rössing-Hager	
<i>Bettelmönche und Kurtisanen: ein «mobiles» Feindbild in der Reformation</i>	217
Angélica Varandas	
<i>A mobilidade interior: a Demanda de Gawain em Sir Gawain and the Green Knight</i>	229
Etienne Wolff	
<i>La mobilité au Moyen Âge: le cas de Pétrarque</i>	241

III PARTE

Poéticas da mobilidade: transformações textuais e dinâmicas de recepção *Poétiques de la mobilité: translations, mouvances, receptions*

Imen Amiri	
<i>L'homo viator dans Le Livre de l'Échelle de Mahomet</i>	249

Mireille Ausecache <i>De Salerne à Paris, des traités en prose aux carmina medica: l'œuvre de Gilles de Corbeil (XIIe siècle)</i>	259
Jean-Louis Benoit <i>Traduire dans les miracles de Notre-Dame de Gautier de Coinci et d'Adgar</i>	273
Carlos F. Clamote Carreto <i>Ruptures, déplacements et confluences. Le marchand ou l'art épique du basculement (XIIe-XIIIe siècles)</i>	285
Chantal Connochie-Bourgne <i>Translatio studii: la circulation exemplaire du Livre de Sydrach</i>	299
An Faems <i>Personnage, sexe, matière et genre en mouvement. La quête d'Oriande dans Die schoone hystorie van Malegijs</i>	309
Veronica Grecu <i>Entre préservation et renouvellement culturel: la migration du savoir au Moyen Âge</i>	319
Amy Suzanne Heneveld <i>The Medieval French «Miscellany» and Textual Mobility: An Argument for the Medieval Book</i>	327
Nawar Khemir <i>La chevauchée lyrique dans Le Roman de la Rose ou de Guillaume de Dole de Jean Renart</i>	335
Odile Lasserre Dempure <i>Analyse d'une poétique de la mobilité dans le Libro de Buen Amor (1342) de Juan Ruiz</i> ..	343
Margarida Madureira <i>La migration des signes: les bestiaires et le Bestiaire d'Amour de Richard de Fournival</i>	353
Ana Paiva Morais <i>La Voie de la fable: mobilité et signification dans les recueils de fables en français aux XIIIe siècle – L'Isopet de Lyon et L'Isopet I – Avionnet</i>	363
José María Salvador González <i>De messenger à archistratège des milices célestes. Genèse de l'Image Guerrière de l'Archange Michel</i>	369

PREFÁCIO

Eppur se muove...

Ritmos e cadências de um imaginário em movimento

Carlos F. Clamote Carreto

Le «voyage» met en œuvre notre capacité à franchir une limite pour affronter une altérité [...]. D'où, au sein de cette civilisation [médiévale], l'existence triple du voyage, à la fois déplacement spatial, épuisement du temps et initiation aux mythes fondateurs. Itinéraire de signe en signe [...]: départ, épreuves, rétablissement dans l'être d'un homme désormais changé.

Paul Zumthor¹

Lores te metra en la voie
Et iras la par tel covant
Qu'a ton esme faudras sovent
Et gasteras en vain tes pas,
Si covendra que tu retornes
Sanz plus fere, pensis et mornes.

Guillaume de Lorris²

Permanência e imutabilidade, fixidez, estagnação, tradição e continuidade, imobilidade, circularidade e ciclicidade, repetição do mesmo... Estas expressões, frequentemente associadas à concepção do mundo na Idade Média, desenhem os contornos de uma civilização aparentemente subordinada ao paradigma de uma Ordem imutável ditada por Deus que se espelha ou manifesta invariavelmente nas mais diversas formas de representação, sejam elas de natureza social, jurídico-política, teológica ou literária. As célebres *Etimologias* de Isidoro de Sevilha ilustram na perfeição esse sonho epistemológico no qual se vislumbra a ânsia por colmatar as falhas e descontinuidades temporais inscritas na própria linguagem através de uma incansável tentativa para recriar ou refundar o elo perdido entre significado e significante, Linguagem, Imaginário e Real, e de restaurar a aliança primordial e imutável entre o Verbo e o Sentido consubstanciais ao acto criador. Esboça-se assim uma autêntica gramática da imobilidade marcada por um lancinante movimento pendular entre a errância, a viagem, o afastamento, e um reiterado desejo (ou nostalgia) de regresso às origens, movimento ainda perceptível no imaginário que percorre a canção de gesta francesa³, mas que tanto o nominalismo subjacente à lírica trovadoresca como a dialéctica (de tipo abelardiano) que estrutura essa inovadora e, por vezes, subversiva, forma

¹ *La Mesure du monde. Représentation de l'espace au Moyen Âge*, Paris, Seuil, 1993, p. 167; 170.

² *Le Roman de la Rose*, ed. F. Lecoy, Paris, Champion, 1973, t. I, v. 2306-12.

³ Ver, por exemplo, as reflexões de H. Bloch, em *Étymologie et généalogie. Une anthropologie littéraire du Moyen Âge français*, Paris, Seuil, 1989 (nomeadamente os capítulos I sobre «La grammaire du haut Moyen Âge» e III sobre «Littérature et lignage», p. 42-89 e 126-173, respectivamente).

de representação introduzida pelo *romance*, tendem a relativizar, a denegar ou a desmentir, remetendo cada vez mais essa experiência fusional do/com o Sentido fundador para o plano de uma intangível e tendencialmente irrecuperável transcendência divina. De Chrétien de Troyes a Jean de Meun ou Jean Renart, passando por Bérout ou Guillaume de Lorris, o sentido e a Forma do Tempo tendem a desvincular-se de um pensamento das origens para se tornarem consubstanciais à própria dinâmica do movimento, dinâmica que a escrita em prosa virá, a partir do século XIII, inscrever no próprio corpo da narrativa através de uma fraseologia que, ao romper com a cadência do verso e a música das esferas que nela ainda ecoa, rasga o tempo e esboça um novo imaginário temporal e poético.

Face à aparente e enganadora *stasis* medieval, o imaginário contemporâneo, ao perseguir o sonho de uma comunicação global potenciada pelo paradigma tecnológico, parece, pelo contrário, dominado por uma obsessão da mobilidade; uma mobilidade que seduz e abraça praticamente todos os domínios da actividade humana, tornando-se por vezes tão intensa que chega a engendrar essa vertiginosa utopia do imediato que não somente perturba as categorias espaço-temporais pelas quais nos orientamos e definimos como sujeitos, como põe em causa o estatuto da mediação (à qual o imaginário medieval fora tão sensível) como estrutura fundadora e fundamental no acesso ao Outro e ao Conhecimento.

Sem negar a importância que o imaginário da imutabilidade desempenhou na concepção medieval do universo e da linguagem; sem tão pouco negar a existência de rupturas culturais e epistemológicas entre a contemporaneidade e a Idade Média sob risco de cairmos numa sedutora, embora anacrónica e metodologicamente perigosa, apologia incondicional da modernidade medieval, o objectivo do Colóquio Internacional «*Lors te metra en la voie... Mobilidade e literatura na Idade Média: formas, trajectórias e sentidos*» que decorreu na sede na Universidade Aberta em Lisboa de 26 a 28 de Outubro de 2009, e cujas *Actas* agora se publicam, foi o de abalar alguns lugares-comuns particularmente tenazes sobre a Idade Média e voltar, neste sentido, a questionar a mobilidade como um dos vectores mais importantes (senão o mais importante) para melhor entendermos essa época na sua diversidade e complexidade constitutivas. De resto, não residirá precisamente a famigerada modernidade medieval no nomadismo dos homens, dos objectos, dos saberes e das formas que perturba e renova constantemente a harmonia do mundo e do universo? Basta recordarmos, por exemplo, o imperativo ontológico e simbólico patente em inúmeras narrativas (canção de gesta, romance, hagiografias ou crónicas) que orienta heróis e heroínas impelidos a abandonarem um espaço original marcado pela falha para conquistarem um território no qual possam reinventar – ou perder para sempre – a sua identidade. A construção desta nova ordem simbólica, política ou cultural, implica sempre a disjunção em relação a um espaço-tempo semiologicamente saturado (a usurpação traduzindo precisamente uma rejeição/perversão dessa necessária ruptura simbólica e geográfica). Obriga os homens (eterno *homo viator*) a caminharem, a calcorreamos – lenta ou precipitadamente, num espaço ordenado ou labiríntico, a pé ou o cavalo, de forma programada e linear ou, pelo contrário, errática ou hesitante, solar e aérea ou marcada pela extrema gravidade que atrai inexoravelmente os corpos para uma matéria tecida de rugosidades e obstáculos, no silêncio absoluto da solidão (desejada ou imposta) ou em conjunto com outros companheiros ocasionais ou de viagem – um espaço repleto de signos (de significantes) em busca de um significado.

Por sua vez, não residirá a essência do texto medieval (mais de que qualquer outro texto) na sua incessante circulação, esboçando-se, entre a oralidade e o acto de fixação, glosa e rescrita, uma dinâmica da significação que acaba sempre por escapar à própria disposição textual (nos manuscritos) e retórica da narrativa? Será por mero acaso que os termos que habitualmente descrevem essa dinâmica que preside à composição e à construção do sentido (*translatio, mouvance*, etc.) transportam essa noção de mobilidade para o seio da própria criação literária e de uma textura narrativa também ela constantemente percorrida por imagens (temas, motivos, *topoi*, figuras) ligadas à migração, à transferência e à deslocação? Neste sentido, qual a função dessa «incessante mutabilidade dos seres e das coisas» que Paul Zumthor evocava em *La Mesure du monde* na *imago mundi* medieval projectada e reconfigurada pelo discurso ficcional, científico, histórico ou apoloético?

Sem pretender esgotar a vasta e complexa problemática inerente à mobilidade da/ na literatura medieval, as páginas que se seguem poderão, no entanto, contribuir para uma melhor compreensão da sua pregnância ideológica, simbólica e textual no seio de uma civilização ela própria em constante e rápida mutação essencialmente a partir dos séculos XI-XII. Tentar captar o movimento representa sempre um desafio delicado e certamente impossível de superar. Neste sentido, as três partes deste livro – que reproduzem o ritmo das reflexões que se sucederam ao longo de três dias de intensos debates – procuram, pelo menos, circunscrever e segmentar o *continuum* inerente à mobilidade. A primeira parte explora os espaços, formas, modos e figuras emblemáticos da itinerância (peregrinos, pregadores, jograis, cavaleiros e mercadores), seguindo-se a análise de aspectos ideológicos e simbólicos da mobilidade enquanto processo inerente às transformações/reconfigurações interiores do sujeito (retrocesso ou evolução do herói, construção, desconstrução ou reconstrução identitária) bem como do próprio tecido social (mobilidade vertical e horizontal, oscilações e redistribuições dos papéis e funções sociais, etc.), a terceira e última parte lançando por fim alguns olhares sobre essa singular poética do movimento constituída pelos mais variados tipos de transferência e de migração (de signos, palavras e sentidos) que presidem à construção do texto e à concepção medieval do saber. Estas três partes, com os seus respectivos prismas textuais e exegéticos, não constituem naturalmente compartimentos estanques: permeáveis, ecoam constantemente umas nas outras, tecendo fios que se prolongam, interrompem e voltam a entrelaçar ao longo dos artigos e das múltiplas formas literárias que percorrem e revisitam. Testemunhando que na mobilidade reside, em grande parte, a essência da civilização medieval e a própria dinâmica de significação das narrativas, estas reflexões permitiram finalmente evidenciar a actualidade, pertinência e riqueza de um tema absolutamente transversal a várias metodologias, *corpora*, modos de representação e sistemas hermenêuticos que muito tem ainda por revelar essencialmente à luz de uma abordagem multidisciplinar.

Tendo reunido investigadores oriundos de onze países e de cerca de trinta universidades ou centros de investigação diferentes, o próprio encontro (integrado nas actividades do CEIL – Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário da Universidade Nova de Lisboa) colocou-se, de antemão, sob o signo auspicioso e fecundo da mobilidade,

provando que, tanto hoje como na Idade Média, é impensável conceber o conhecimento sem esse intenso e intranquilo vaivém de homens, palavras, ideias, experiências e culturas, num espaço onde as fronteiras do desconhecido se vão esbatendo e dilatando. A todos os participantes no colóquio e aos autores que contribuíram com os seus artigos, agradeço terem dado corpo a este projecto e a este desafio. Pela ajuda e estímulo constantes na organização do encontro, agradeço igualmente a Danielle Buschinger (Professora Jubilada da Université de Picardie Jules-Verne), emblema de uma incansável mobilidade estimulada tanto pela partilha do saber como pela construção de amizades sempre novas. Pelo indispensável, e incondicionalmente prestado, apoio institucional e logístico à realização do colóquio e à publicação destas *Actas*, agradeço também à Universidade Aberta através do seu Reitor, Professor Doutor Carlos Reis. Finalmente, à Fundação para a Ciência e Tecnologia, fico grato pelo apoio financeiro concedido à realização do encontro.

Universidade Aberta, Lisboa, 21 de Julho de 2010